



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES – DLH  
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**PUNIR A MULHER: UMA LEITURA CRÍTICA DA REPRESENTAÇÃO DA  
MEDUSA NOS TEXTOS CLÁSSICOS**

**DANIELA DE SOUSA SANTOS**

**CATOLÉ DO ROCHA – PB  
2021**

**DANIELA DE SOUSA SANTOS**

**PUNIR A MULHER: UMA LEITURA CRÍTICA DA REPRESENTAÇÃO DA  
MEDUSA NOS TEXTOS CLÁSSICOS.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba — Campus IV, como um dos requisitos para obtenção do grau em Licenciatura Plena em Letras.

**Orientador:** Prof. Dr. José Helber Tavares de Araújo

**CATOLÉ DO ROCHA – PB  
2021**

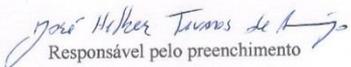
É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237p Santos, Daniela de Sousa.  
Punir a mulher [manuscrito] : uma leitura crítica da representação da Medusa nos textos clássicos / Daniela de Sousa Santos. - 2021.  
28 p.  
  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2021.  
"Orientação : Prof. Dr. José Helber Tavares de Araújo ,  
Coordenação do Curso de Letras - CCHA."  
1. Período clássico. 2. Medusa. 3. Mulher. I. Título  
21. ed. CDD 305.4

**PUNIR A MULHER: UMA LEITURA CRÍTICA DA REPRESENTAÇÃO DA  
MEDUSA NOS TEXTOS CLÁSSICOS.**

Aprovado em: 07 de outubro de 2021

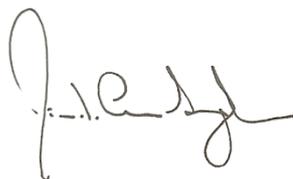
**BANCA EXAMINADORA**



Responsável pelo preenchimento

---

Prof. Dr. José Helber Tavares de Araújo – UEPB/CAMPUS IV  
(Orientador)



---

Prof. Me. Rômulo Cesar Araújo Lima – UEPB/CAMPUS IV  
(Examinador)



---

Prof. Me. Izaias Serafim de Lima Neto – SEEC/PB  
(Examinador)

## DEDICATÓRIA

Antes de tudo, dedico esse trabalho a Deus por ser a minha fortaleza, minha base e direção nos dias difíceis. Em seguida gostaria de dedicar essa vitória ao meu avô, José Vital dos Santos (In Memoriam), a quem eu queria que estivesse presenciando esse momento aqui ao meu lado. Para sempre vou te amar!

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar quero agradecer a Deus por ter me dado força e coragem para chegar até aqui e por não ter permitido que me faltasse a fé, me dando assim o discernimento necessário que fizesse estar aqui, em especial a São José e a São Bento por terem sido minha força nos momentos difíceis, minha sincera gratidão.

À minha família, agradeço aos que sempre estiveram comigo por não me deixaram desistir diante dos obstáculos encontrados ao longo dessa jornada, essencialmente aos meus pais, Maria Francilene e José Carlito. Agradeço também aos meus avós, Iracema Ferreira dos Santos e José Vital dos Santos (In Memoriam), dedico a todos vocês minha profunda admiração e respeito, obrigada por terem sido base e amor para que eu me tornasse a mulher que sou hoje. À minha irmã, Débora de Sousa, que sempre dividiu e compartilhou a vida e seus dias ao meu lado, a ti agradeço o companheirismo e a força que sempre me destes em minhas decisões, obrigada por nunca soltar minha mão. Ao meu irmãozinho Heytor, por ser luz e alegria no meu coração. Às minhas tias que as tenho como minhas segunda mãe, Elizabete Ferreira, Maria de Fátima e Auxiliadora Ferreira, agradeço a vocês três pela verdadeira e fiel amizade, ao aprendizado, às palavras de apoio e incentivo que deram durante a minha jornada acadêmica e que ainda continuam me oferecendo e por nunca me desampararem, do fundo do meu coração: Obrigada.

Agradeço aqui nesse parágrafo, em especial, à Hilda Marinho (Lalynha), a quem tive o prazer de conhecer durante a metade da minha graduação, me dando o apoio e o suporte necessário para que eu não descreditasse de mim, da minha capacidade de estar concluindo esse curso e de não me fazer fraquejar. Obrigada por sempre me auxiliar, por sempre me dar apoio e por me fazer acreditar que eu seria capaz!

Aos meus grandes amigos, minha profunda gratidão por sempre acreditarem em mim e por se fazerem presentes nos meus dias: Laisa Martins, Raianne Garcia, Thayná Priscila, Orlando Neto, Cristina Amaral, Kaulay Marly, Jéssica Tuane, Jackson Cardoso, Sabrina Santos e em especial ao meu amigo e colega de trabalho Edilson Junior.

À minha grande amiga e parceira de vida, Laysa Silva, obrigada por sempre ter estado comigo e por ter caminhado e ter feito parte dessa conquista, sem você teria sido difícil chegar até aqui, queria te dizer que conseguimos! Ao meu grande amigo,

Elias Melo, pela amizade, ajuda e companheirismo, e por fim à minha amiga Bruna Soares por ter dividido comigo etapas essenciais e ter contribuído em momentos fundamentais da minha graduação. A vocês dedico.

Para terminar, quero deixar aqui registrado meu agradecimento, respeito e admiração ao meu amigo, orientador e também professor, Dr. José Helber Tavares de Araújo, a ti retribuo à toda paciência e dedicação durante a construção desse trabalho, obrigada por ter construído junto comigo e ter se feito presente em um dos momentos mais importantes da minha jornada acadêmica. Obrigada!

Se a educação sozinha não transforma a sociedade,  
sem ela tampouco a sociedade muda. (Paulo Freire)

## **PUNIR A MULHER: Uma leitura crítica da representação da Medusa nos textos clássicos.**

### **RESUMO**

Tendo em vista que no Período Clássico da Grécia Antiga a conduta das mulheres se passava em torno de uma sociedade que se prevalecia do poder do sexo masculino, procuramos nesse trabalho analisar a conduta da mulher nesse período, mais precisamente explorar o mito da Medusa e como é abordada a sua condição feminina nos textos clássicos. Para tanto, se foi necessário avaliar a sua figura feminina nos textos clássicos literários, levando em consideração como o feminismo está ligado ao mito e a problematização que levaram os deuses a criar e matar Medusa-Górgona.

**Palavras chave:** Período Clássico. Medusa. Mulher.

### **ABSTRACT**

Considering that in the Classical Period of Ancient Greece, the behavior of women happened around a society that prevailed by the male power, we sought in this work to analyze a woman's behavior in that period, more precisely to explore the myth of Medusa and how its feminine condition is approached in the classic texts. Therefore, it was necessary to evaluate her female figure in classical literary texts, taking into account how feminism is linked to the myth and the problematization that led the gods to create and kill Medusa-Gorgone.

**Keywords:** Classic Period. Jellyfish. Woman.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	11
2. A MULHER GREGA E SUA HISTORIGRAFIA NA GRÉCIA ANTIGA.....	12
2.1 O Contexto social das mulheres gregas no período clássico .....	12
2.2 A Condição Feminina: do Mito às Tragédias.....	16
2.3 O Mito Medusa nos Textos Clássicos .....	19
3. MEDUSA: UMA RELEITURA ATRAVÉS DOS TEXTOS CLÁSSICOS .....	21
3.1 Apresentação das obras ( <i>Metamorfoses</i> e <i>Teogonia</i> ).....	21
3.2 Hesíodo: O poeta grego .....	21
3.3 A vida e obra do poeta latino Ovídio.....	25
3.4 A Figura De Górgona é Maltratada na História.....	28
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	29
Referências .....	30

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma leitura analítica do mito da figura feminina da Górgona Medusa, e baseia-se através da comparação de textos clássicos e literários, observando como o feminismo está ligado ao mito. Nesse trabalho, o estudo visa recuperar o mito da Medusa numa versão crítica, verificando como ela é moldada em alguns textos clássicos, e analisa também a conduta da mulher na época antiga grega e como reler o mito nos dias de hoje.

O que se sabe é que o mito de Medusa, na visão popular, é mais conhecido pelo enfrentamento desta entidade Górgona com o herói Perseus do que pela sua origem trágica e violenta. Partindo de uma inquietação que surgiu durante o período de faculdade no qual me deparei com algumas disciplinas que envolve a Literatura Clássica e com isso um aprofundamento nas histórias do período clássico na Grécia Antiga, no qual nessa cultura, seus mitos foram de extrema importância e conseqüentemente contribuíram para minha formação. Desse modo, o questionamento que norteará nossa pesquisa é a problematização dos processos que levaram os deuses a criar e matar Medusa-Górgona e de como sua condição feminina está envolvida em todas as etapas da construção do mito.

Esse trajeto aqui será descrito em duas partes, aonde adentraremos no universo do período clássico na Grécia Antiga. No primeiro capítulo estará sendo apresentado a vida da mulher grega, como viviam socialmente, seja no âmbito família ou politicamente falando, também ainda neste capítulo abordamos uma breve apresentação das mulheres gregas nos mitos, como estavam envolvidas nas grandes histórias e concluímos com uma descrição sobre a famosa Medusa, como lá no início teria levado a sua punição no terrível monstro a como é conhecida. O segundo capítulo, e última parte do trabalho, será complementado pela análise do mito e terá como base as obras *Metamorfoses* (2017) do poeta Ovídio, e também *Teogonia* (2014) escrita pelo poeta grego Hesíodo (750 e 650 a.C.) e será complementada também pelo estudo de Jean-Pierre Vernant em sua famosa obra “*A morte nos olhos*”.

Finalizando com possíveis considerações acerca do que foi exposto, sobretudo observando que é um estudo tratado através do que como é repassada a história da Medusa e sua identidade trágica voltada ao olhar crítico, na condição do sujeito feminino.

## 2. A MULHER GREGA E SUA HISTORIGRAFIA NA GRÉCIA ANTIGA

### 2.1 O Contexto social das mulheres gregas no período clássico

A historiografia que passa a ser contada no período clássico, na Grécia Antiga, quando colocada em ênfase a construção do sujeito social feminino, caracteriza-se especificamente pelo lugar e condição no qual a mulher é inserida dentro de uma sociedade completamente patriarcal. Vivendo de forma reclusa diante dos principais direitos ao homem da antiguidade, socialmente a sua não-participação no espaço público e na tomada de decisões lhe confere um lugar de apagamento.

Independente do grupo no qual está inserida, ou de que grupo fazem parte, é a mulher que de fato é o principal foco na primeira parte desta pesquisa. Evidenciaremos o retrato que as mulheres gregas possuem no período clássico dentro da sociedade ateniense, retrato esse que era de não ocupar lugares considerados relativamente na Pólis Ateniense, diferentemente do lugar e das regalias que o homem ocupava, criando realidades completamente opostas uma da outra.

Não é de hoje que as mulheres eram impedidas de se envolver em diversas questões, em especial as que envolviam o campo de ação político, nesse aspecto, a sua atuação era um pouco tanto reclusa, não tinham direitos políticos. O feminino em Atenas era constituído por alguns grupos, em um desses grupos a atuação feminina era voltada apenas para as atividades domésticas e do lar, para eventos religiosos, o fator principal que marca o papel ideal para a mulher em uma sociedade patriarcal, em outras palavras, a mulher grega era educada para cuidar da casa, marido e filhos.

O estado matrimonial reconhece-se á que procriou, a que apresentou os seus filhos á frátria e ao *demo*, as que dão as próprias filhas em casamento. As Cortesãs, temos para o prazer; as concubinas para os cuidados do dia-a-dia; as esposas legítimas para ter uma descendência legítima e ser uma fiel guardiã do lar. (DEMÓSTENES, 1983, p.122).

Dentro de sua própria casa, aonde a mulher estava destinada às atividades domésticas, ela tinha total domínio sobre as atividades que eram realizadas e tinha poder sobre quem as realizavam. Era ela quem “dava as ordens” aos seus criados e distribuía suas funções, e também era ela quem tinha o direito de falar quem melhor e quem pior exerce seus serviços. A responsabilidade de administrar os afazeres

domésticos é total e única da mulher-cidadã, pois sua função era se dedicar a isso de forma soberana.

Privadas às questões políticas, alguns retratos mostram que a mulher só passava a ter notoriedade após o matrimônio, que significava que daria continuidade aos descendentes, à reprodução, pois gerar filhos consistia na ideia de legado e filiação, aspectos importantíssimos na organização social de castas, talvez este fosse o grau de relevância mais significativo do papel da mulher perante aquela sociedade. Partindo desse viés a esposa teria sua principal função definida: a de procriar. Antes do casamento, as mulheres tinham sua identidade, de modo que, completamente excluída, mostrando então sua condição de papel de sujeito inferior, desprovida de privilégios, eram minimizadas.

Efetivamente elas aparecem sobre novos horizontes, negando os determinismos que as enquadraram apenas como esposas e procriadoras, reclusas no ambiente doméstico, sem avaliar sua importância e participação para identidade e coesão para os atenienses. Desta forma, é válido que comecemos por compreender os diferentes tipos sociais presentes em Atenas. (MATA, 2009, p. 01)

Por outro lado, ainda levando em consideração a questão reclusa da mulher ateniense, por estarem nessa condição voltada única e especificamente para o ambiente do lar, as mesmas eram respeitadas por se dedicarem, em exclusivo, às atividades domésticas, enquanto para outros a mulher era limitada e vivia de forma reclusa por justamente só estarem nessa condição social de inferioridade, algo que ainda vemos nos dias de hoje, quando ainda associam a mulher apenas à atividade doméstica. Ou seja, não se sabe bem se o papel doméstico justificava a exclusão ou a exclusão construiu o papel doméstico.

Enquanto a questões sexuais, elas sempre se mantinham submissas ao seu cônjuge, cabendo apenas procriar, pois assim seus filhos passariam a ser os promissores cidadãos da cidade de Atenas. Como mãe a mulher era respeitada tanto pelo marido e seus parentes quanto pela sociedade na qual era inserida. Fábio de Sousa Lessa, no livro “Mulheres de Atenas: Mélissa do Gineceu à Agorá” traz as principais atividades a que são lhe atribuídas, são elas:

Às esposas atenienses eram atribuídas as tarefas de olhar pela criação das crianças, supervisionar os escravos, cuidar das provisões alimentares, administrar os trabalhos domésticos, zelar pela

preservação e armazenagem agrícola, controlar o estoque de produtos e também se empenhar, pessoalmente, na fiação e tecelagem, na condição de prover as roupas necessárias para a família. (LESSA, 2001, p.60)

Ao matrimônio, as cerimônias de casamento se consagravam a partir da realização de muitos rituais, se faziam grandes festividades, procissões também eram feitas para todo o público, para que assim a cerimônia fosse oficialmente realizada. Destacando ainda mais a caracterização do sujeito feminino, aquele que é voltado exclusivamente ao casamento e sucessivamente passe a servir ao conjugue e aos afazeres domésticos, como posse de um homem. Contudo, com o casamento, após a mulher ter se tornado a esposa legítima, alguns privilégios lhe cabiam como poder participar de cerimônias, rituais, festividades. Muitas vezes tendo a obrigação de se fazerem presentes, sejam em eventos públicos ou privados, as mesmas eram bem vindas em sociedade grega, pois tinham esse prestígio de visitar locais públicos.

O casamento era considerado, mesmo nos tempos homéricos, como o alicerce da sociedade. A família, por intermédio do casamento, constituía o principal núcleo e a base necessária para a preservação da raça. Desse modo, a importância do casamento e da família é enaltecida nos Poemas Homéricos, e casas de Zeus e Hera, Heitor e Andrômeda, Odisseu e Penélope, como modelos a serem seguidos. (VRISSIMTZIS, 2002, p.40)

Logo, a mulher deveria fidelidade e dedicação completa ao seu companheiro, outro destaque que chama atenção é que, diferente da mulher, o homem por estar casado não possuía impedimentos de ter outra companheira. O que contava bastante nisso era o seu fator aquisitivo, quanto mais fosse bem visto e melhor tivesse, mais esse privilégio teria. No entanto, se tivessem filhos com um homem já casado, os mesmos não seriam reconhecidos judicialmente e nem direito à herança eles teriam. Uma prática que era bastante normalizada na sociedade, essas mulheres eram as Pallákes, mais conhecidas como Concubinas, as mesmas viviam em Antenas mas não tinham suas raízes, não pertenciam à cidade, logo a lei as proibiam de ter um matrimônio judicialmente reconhecido.

Essas mulheres eram conhecidas como *pallak* s (concubinas) (Apolodoro. *Contra Neera* [Demóstenes] 59.15). Aspásia de Mileto foi a concubina mais famosa da Grécia Antiga, consorte de Péricles, um dos mais renomados governantes de Atenas durante século V a.C.

Dizia-se que ela exercia grande influência sobre suas decisões políticas. A lei proibia casamentos entre metecas (estrangeiras domiciliadas em Atenas) com cidadãos atenienses; por conta disso, ela passou a viver como concubina. (TAVARES e CERQUEIRA, 2013, p. 4)

Desse modo, o homem então poderia vir a ter e manter relações extraconjugais que mesmo assim suas ações não eram consideradas como adultério pois o homem grego era livre para tal ato, isso era evidente.

Falando de suas atividades sexuais, as meninas começavam a se relacionar ainda na puberdade, tendo isso por volta de seus 15-18 anos. Eram precocemente introduzidas na vida adulta, muitas delas engravidavam ainda adolescentes, o que chegou a se tornar uma das fases mais profunda e doída na vida da mulher grega.

Bem diferente do papel do homem, que quando se tornava adolescente era preparado para se adaptar com o que viria a frente, a existência masculina em completa potencialidade, física e intelectual, ao contrário disso, a mulher era destinada a se tornar esposa.

A mulher era completamente passiva em suas relações sexuais, as relações não tinha desejo, não tinha o “se entregar para o outro” pois o principal objetivo nas relações sexuais era de criar uma família, gerar filhos para que os mesmo fossem seus herdeiros. O sexo era unicamente para isso, a mulher grega era limitada a isso.

Já a criança ao nascer, mesmo que o pai ficasse feliz após ter um filho homem, porque além de se casarem com o objetivo de construir família o ideal seria que a mulher gerasse um menino, pois a criança seria mais assegurada se viesse com o sexo masculino, pois se fossem meninas não seriam tão valorizadas ao contrário do homem, e também trariam mais gastos para o seu pai, que moralmente teria o dever de arcar com todos os custos de uma cerimônia de casamento por ser pai da noiva.

No que se refere às crianças saudáveis e mais especificamente as meninas, embora um pai possa ter ficado freqüentemente feliz com o nascimento de uma filha após ter lhe nascido o tão esperado filho homem, elas parecem ter sido menos valorizadas e desejadas do que a prole masculina. Tal fato pode estar diretamente relacionado aos custos do dote, que no século V a.C. consistia na riqueza que o pai fornecia a noiva por ocasião de seu casamento e o qual ele estava moralmente comprometido a lhe assegurar, assim como ao fato da filha mulher não herdar suas propriedades. No entanto, uma filha poderia indiretamente servir como garantia de transmissão dos bens imóveis do *oikos* paterno. (SILVA, 2011, p. 41)

Sendo assim, percebe-se que o lugar da mulher grega na qual mediante na sociedade que era inserida, e no que se exerce esse papel da mulher nos leva a ver que essa determinada sociedade dava uma função restritiva como forma e qualidade de vida para as mulheres.

De tal modo, permite falar como essa condição social da mulher foi aos poucos petrificada e como os seus valores e costumes se interligam nas representações das figuras mitológicas e literárias femininas como serão demonstradas a seguir.

## **2.2 A Condição Feminina: do Mito às Tragédias**

O que é perceptível é que, na mitologia grega, em algumas das demasiadas histórias de tragédia na mitologia, as mulheres como era de costume, eram retratadas como seres inferiores, sendo assim colocadas numa posição marginalizada, em contrapartida, o homem é potencializado, por se tratar de uma sociedade e uma cultura extremamente patriarcal.

Ao observamos algumas figuras trágicas dessas histórias, temos alguns exemplos como a Deusa grega Ariadne, filha do Rei Minos, que à primeira vista se apaixonou por Teseu e logo após foi abandonada pelo mesmo. Teseu com a ajuda de Ariadne enfrentaria em Creta a fúria de Minotauro, que vivia no sombrio labirinto, a história conta que os atenienses tiveram o severo castigo de todo ano alguns rapazes e moças teriam que ser enviados até o labirinto para alimentarem o monstro Minotauro, criatura essa que era metade homem e sua outra metade touro. Teseu se dispôs a ir, contudo Ariadne teve a ideia de ficar na entrada do labirinto com um novelo de lã, assim Teseu não se perdia no caminho durante sua jornada, no final a ideia deu certo, então os dois partiram mas no caminho, Teseu a deixou abandonada e sozinha na ilha de Naxos e retornou sem ela.

Também citemos na tragédia grega Medeia 431 a.C. de Eurípides. A peça trata-se do retrato de uma mulher preenchida de amor e ódio que se rebelou contra os que a rodeavam. Tomada pelo ódio, Medeia mata todos os filhos que teve com o seu marido para poder se vingar do mesmo. É uma figura feminina bastante importante e que até os tempos de hoje se destaca através da sua representação feminina.

E mais uma figura da mitologia grega, Antígona, é mais um dos mitos que estão entre os mais clássicos escritos na tragédia que compõem o teatro grego. Todas

citadas acima são grandes mulheres que tomaram como protagonismos as tragédias gregas.

A condição feminina, seja ela nos tempos reais ou nos grandes nomes mitológicos, foi protagonizada através do viés machista que adentra grande parte das histórias das figuras femininas. O homem por exemplo era voltado às demandas e interesses mais reais, era papel importantíssimo em vários aspectos, enquanto a mulher tinha suas expectativas no sentido de atividades maternas, o que se torna cada vez mais notório a permanência de fazê-la dependente da figura masculina, que se olharmos para trás, há milhares de anos, em Gênesis na cultura judaica, temos Eva que passara a ser coadjuvante em sua história com Adão.

Uma criação que era inicialmente exclusiva do poder absoluto de Deus que, ao repensar o processo reprodutivo da humanidade, compartilhou-o conosco, mulheres, a fim de que participássemos de sua essência na dupla tarefa de preservar a espécie ao sermos fecundadas pelos homens e inspirar o movimento para o despertar racional, como claramente se exemplifica no Gênesis com a expulsão do primeiro casal do Paraíso. (ROBLES, 2006, p. 12)

Buscamos entender o papel moral das mulheres na história, levando em consideração o tempo em que cada uma foi inserida. Cercados pela obsessão do poder, os homens vivem em busca de governar, buscam estar sempre no poder, uma vez que as mulheres ainda são limitadas ao papel do conservadorismo.

O que destaca é o modelo ao qual é tomado pelo poder patriarcal, seja a mulher dos tempos clássicos seja à judaico-cristã, costumes que perpassam através dos séculos. Criadas desde o início, no qual a natureza foi tomada da mulher e do homem já podíamos perceber que a mulher, o sujeito feminino foi criado com o poder único da reprodução vital:

Consultando as teorias orientais concebidas há milhares de anos, podemos crer que a feminilidade consiste em uma vigilante continuidade vital que, mesmo de maneira simbólica, na explosão dos sentidos ou nas perversões que a impulsionam a praticar o desprezo, compromete seu poder desde a fonte íntima da criação. (ROBLES, 2006, p. 12)

No entanto, olhando pela perspectiva das tragédias gregas, o verdadeiro fato é que as mulheres estão entre as principais protagonistas do período clássico. Em suas infames histórias que foram passadas, estiveram em grande evidência o protagonismo

feminino, em evidências nas tragédias.

Em “Representações da Inteligência Feminina” Rosenfield diz que na tragédia a mulher vem a exercer um papel importante por estarem em situações mais influentes nos quais as mulheres eram submissas aos homens de forma clara e em seu papel em espaço público. Em situações mais difíceis a figura feminina tende a ganhar mais destaque.

Mais difícil ainda é imaginar o desenvolvimento da inteligência e dos méritos cognitivos das mulheres que viviam à sombra dos homens e em grande parte excluídas do domínio público no qual começaram a reinar as conquistas científicas, o vocabulário do conhecimento positivo, os conhecimentos da experiência prática e empírica e os discursos filosóficos e matemáticos que valorizam a cognição e o argumento racional. (ROSENFIELD, 2014, p. 2)

Além do mais, é importante destacar que a participação das mulheres nas tragédias gregas era um reflexo do papel social que representavam os costumes que aconteciam na sociedade ateniense naquele período, como viviam os cidadãos em seus determinados cotidianos. Rosenfield destaca que era nesse contexto que costumes antigos eram repassados para a ordem pública a partir da tragédia.

Para fazer uma demonstração do que era a mulher na tragédia grega e de qual lugar ela ocupava, vale observar o papel que a rainha Clitemnestra representava. Na peça de Agamêmnon o coro representava os cidadãos. Verifique que o poeta introduz o olhar crítico para os cidadãos (coro) diante da mulher na dramatização, enquanto rainha, Clitemnestra articula e toma decisões, ela usa da argumentação. O coro no entanto ao vê-la falando vai refutando suas falas por mais que esteja na posição de rainha, falas estas que eram narradas por homens. Rosenfield conta que:

A novidade da tragédia reside no fato de que poetas como Ésquilo ou Sófocles introduziram nos mitos, padrões e valores tradicionais o olhar crítico de cidadãos esclarecidos, dramatizando os problemas e crises de valores que costumam acontecer numa sociedade complexa. (ROSENFIELD, 2014, p. 9)

Desse modo conclui-se que, o coro vai evidenciando como os cidadãos de forma explícita enxergam a mulher se expressando e que era através da tragédia que os costumes dessa tradição eram repassados. Visto assim, o tipo de enfoque sobre a mulher na mitologia, passemos a discutir no campo do literário, em diálogo com a

própria tradição mitológica.

### 2.3 O Mito Medusa nos Textos Clássicos

Assim sendo, buscamos agora partindo daquela época, entender melhor através de uma análise mais crítica, o papel da mulher grega inserida em seu contexto social e como isso influenciou a criação do sujeito feminino no campo da literatura através do texto clássico. Partiremos então ao estudo do mito da Medusa, e dessa forma procuramos refletir em quais pontos a personagem Medusa está ligada à sua origem e como se justificaria tamanha e ardilosa punição que lhe foi aplicada. Conhecida pelos seus famosos cabelos de serpentes e a aparência monstruosa e a que olhasse em pedra se transformava, assim Junito Brandão à descrevia em sua obra *Mitologia Grega*:

Das três só Medusa era mortal. Habitava, como suas irmãs, o extremo Ocidente, junto ao país das Hespérides. Estes monstros tinham a cabeça enrolada de serpentes, presas pontiagudas como as do javali, mãos de bronze e asas de ouro, que lhes permitiam voar. Seus olhos eram flamejantes e o olhar tão penetrante, que transformava em pedra quem as fixasse. Eram espantosas e temidas não só pelos homens, mas também pelos deuses. (BRANDÃO, 1986, p. 238)

Diante do que foi exposto, é inquietante não refletir se seriam os modelos e costumes de como era dada a condição feminina no Período Clássico, a forma de como a Grécia Antiga era caracterizada por uma sociedade machista e totalmente patriarcal que teriam levado à culpabilização da Medusa a tamanha punição aplicada por Atena e construído a imagem da górgona como uma terrível vilã, além de criar Perseu com uma imagem de herói, uma vez que mulher grega vivia na cultura da subordinação?

Medusa (Μέδουσα) que deriva do verbo μέδω que quer dizer “mandar ou reinar sobre”, em tradução do *Dicionário Etimológico da Mitologia Grega* Medusa significa a que manda. Quando falamos e escutamos sobre o mito da Górgona/Medusa, um dos principais mitos conhecidos da mitologia grega, um dos acontecimentos que nos remetem a isso é o grande enfrentamento entre a górgona e o herói Perseu. O termo ‘tragédia’ logo é associado ao acontecimento, devido a série de acontecimentos que levaram Atena, deusa da sabedoria e da guerra, a transformar Medusa numa terrível

criatura com aspectos característicos e físicos ao que se qualificava sua beleza em uma aparência assustadora, e mesmo com isso teve assim sucessivamente um final trágico.

Várias são as versões de como a tragédia teria vindo a acontecer, nas demais delas Medusa é mostrada como vilã, e Perseu que carrega em si o título de herói, o principal protagonista. Mas nada que seja contrário aos costumes da Grécia Antiga, aonde o aspecto feminino é movido pelos homens da história. Diante disso, não seria Medusa injustiçada? E seria Perseu o verdadeiro herói no mito?

Em *Teogonia*, a Deusa da sabedoria, da guerra, da justiça e filha de Zeus, Palas Atena (Minerva) assim como era reconhecida, era uma dos doze deuses que habitavam o Monte Olímpo. Na mitologia grega, Atena é uma das figuras mais bem vistas e mais bem representada da Grécia Antiga. Assim, o poeta grego Hesíodo, em seu livro “Teogonia, Trabalhos e dias” descreveu Atena:

É filha de Zeus e Métis, divindade que personificava a inteligência, a prudência e a astúcia. [...] Deusa de grande sabedoria, Atena também presidia as artes e a literatura, a estratégia militar, a marcenaria, a tecelagem e o bordado. (HESÍODO, 2014, p. 114)

Uma das passagens que marcam no mito da górgona é o fato da violação ter acontecido no templo da deusa Atena, lugar este onde Medusa a servia e era sua sacerdotisa. Para ocupar este lugar, a mulher devia manter-se casta, pois a castidade era uma das principais características da deusa Atena, a mulher devia ser pura de sua natureza. Portanto era como se fosse algo estabelecido entre ela e suas sacerdotisas, e uma vez que isso fosse quebrado teriam como consequências severas e dolorosas punições. Pois esse era o modelo ideal para as mulheres gregas, a mulher cidadã tem como dever que honrar com a sua virgindade e evitar qualquer tipo de relação e contato com os homens.

Então chegamos a discutir que tanto no âmbito das relações sociais, na mitologia e na literatura há uma legitimação do modelo patriarcal ditado ao comportamento feminino. Isso nos ajudará a entender porque a figura de górgona, figura esta vítima de violência física e sexual e de punições divinas, ser lembrada como um monstro mitológico. Apagando assim, toda a origem de sua figura popularizada. Medusa carrega em sua monstruosidade a marca da deformação do humano pelo divino orientado pelo modelo centrado na masculinidade grega.

### **3. MEDUSA: UMA RELEITURA ATRAVÉS DOS TEXTOS CLÁSSICOS**

#### **3.1 Apresentação das obras (*Metamorfoses* e *Teogonia*)**

Acerca do que foi repassado nessa pesquisa, levando em consideração o período clássico na Grécia Antiga, o que norteará a exploração nessa abordagem serão dois clássicos da literatura, a obra *Metamorfoses* (2017) do poeta Ovídio, e também *Teogonia* (2014) escrita pelo poeta grego Hesíodo (750 e 650 a.C.). Um destaque que podemos trazer entre ambas as obras são descrições entre os mitos, seus deuses e heróis, e será por essa perspectiva que parte de textos, com base em obras clássicas da literatura a esclarecer essa versão da “criatura”, a górgona Medusa.

#### **3.2 Hesíodo: O poeta grego**

Vivendo aproximadamente em meados dos anos 800 a.c., o poeta e historiador Hesíodo passou maior parte da sua vida na cidade de Beócia, Grécia, mais precisamente na aldeia de Ascra. Hoje, Hesíodo ao lado de seu contemporâneo Homero são considerados como grandes destaques na cultura grega. Entre suas principais obras estão as mais conhecidas, que são elas: *Teogonia*, *Trabalhos e Dias* e *O escudo de Hércules*. Um detalhe bem importante é que em sua obra “Trabalhos e Dias” ele faz bem presente a justiça, assunto esse que trouxe consigo no decorrer da sua vida.

Pouco se sabe sobre Hesíodo, alguns historiadores em diversos estudos acreditam que o poeta veio ainda a falecer em Ascra, na sua querida aldeia que ficava localizada na região do monte Helicon, que fica situado entre a cidade de Telba e o Golfo de Corinto. Lugar este onde o poeta nasceu e passou os seus dias, o mesmo vivia da agricultura.

Em sua obra *Teogonia*, o poeta traz a origem do universo e a genealogia em seus poemas, ou seja, a criação e origem dos deuses e heróis. A *Teogonia* mostra três gerações de deuses que por sua vez são constituídas pelos inúmeros descendentes de Urano e Geia. A segunda geração se inicia logo após que Crono toma o poder e assume quando castra Urano, nessa passagem Hesíodo também

mostra a guerra contra os Titãs. A terceira e última geração é marcada pela geração divina, que nesse confronto se consagra vencedora, no qual se estabelece sobre o Olimpo e canta a hegemonia de Zeus, o deus que por sua vez tem o poder estabelecido entre os homens e deuses e relata suas diversas relações com deusas e também mulheres mortais. Os poemas de Hesíodo foram escritos em metros hexâmetros dactílicos, suas frases são curtas e apresentam um estilo formal.

Ligados entre a literatura e religião, a literatura clássica grega nos oferece uma relação através da escrita e sua linguagem nos presentear com os escritos antigos e conhecer através destes sua cultura através dos relatos que os poetas expressaram em suas narrativas. E por meio de algumas dessas fontes podemos nos deparar e conhecer a história dos mitos gregos e suas origens, em especial, como seria encontrar e entender dentro da Literatura o mito Medusa.

Para melhor entender esse parâmetro no qual Medusa está inserida e que tem como principal ponto a sua castidade, citamos Artémis, deusa da caça, sua castidade é colocada em primeiro lugar, Atenas coloca em prioridade especial a quem decide servir-la como uma de suas sacerdotisas.

A virgem caçadora, era venerada em todo o mundo grego como deusa da natureza e senhora dos animais. Filha de Zeus e Leto, nasceu na Ilha de Delos, um pouco antes de seu irmão gêmeo, Apolo. Com o título de *selasphóros*, “a que leva a luz”, a deusa era identificada à deusa Selene, a Lua. (HESÍODO, 2014, p. 113)

Com isso, a referência que Artémis tem em relação ao conceito da castidade é o seu estado puro de natureza, que é adquirido através de seus atos, de preservar aquilo que lhe pertence. Sendo assim, levando em consideração Artémis, essa condição será atribuída à Medusa.

Filha das também divindades do mar, Fórcis e sua esposa, e também irmã Ceto, Medusa foi sacerdotista do templo de Atena junto com suas duas irmãs Esteno e Euríale, das três Medusa era a única mortal.

Segundo Hesíodo, coube às Górgonas Esteno, a poderosa, Euríale, a grande viajante, e Medusa, a rainha desventurada, encarnarem a monstruosidade feminina. As duas primeiras eram imortais e livres da velhice. A terceira, a mais astuta, era mortal. (ROBLES, 2006, p. 95)

Hesíodo destacava que das três irmãs, Medusa era a única mortal. O que se

sabe de Medusa é que a górgona era uma jovem linda, uma mulher de uma beleza impecável, que tinha belos cabelos e que esbanjava-se de vaidade, era de uma beleza exorbitante, o que despertava uma certa cobiça e ciúme de muitos homens que a circulavam e visitavam o templo. Muitos deles apenas iam para admirá-la e observá-la, em especial Poseidon, deus dos mares. Contudo, Medusa sempre respeitando os ensinamentos que tinha a seguir da deusa Atena, se mantinha casta e respeitosa, seguia seus princípios.

Mesmo sendo sacerdotista do templo de Atena, deusa da sabedoria, Medusa deixava se levar pelas suas emoções e não agia pelo lado racional. Sempre preocupada em manter sua aparência, seus cabelos impecáveis o que Medusa não sabia que agindo de tal forma ela acabara despertando a cobiça e principalmente ciúmes de quem no templo frequentava, como Ovídio contava em *Metamorfoses*, o que acabou lhe causando o seu terrível castigo. Ação essa causada pela falta do instinto racional, característica necessária para quem servia Atena como sacerdotista.

Com isso, o que teria despertado o interesse por parte de Poseidon em se sentir atraído e a cometer tal ato esse de ter violentado Medusa no interior do Templo de Atena e conseqüentemente a Deusa teria a transformado em um terrível criatura e como não fosse o suficiente, a teria condenado à solidão pois quem olhasse fixamente nos olhos seria petrificado, o que fez Medusa viver uma tormenta e completa solidão, ou seja, a mesma não podia mais viver e ter contato com mais ninguém. Como exposto, severas punições são dadas a quem rompe com seus rituais como sacerdotista, pois seria uma profanação.

Junio Brandão descreveu bem sobre a possível violação que Medusa teria sofrido em uma de suas passagens de *Mitologia Grega*:

De início, a Górgona, apesar de monstro, é uma das divindades primordiais, pertencente à geração pré-olímpica. Depois, foi tida como vítima de uma metamorfose. Conta-se que Medusa era uma jovem lindíssima e muito orgulhosa de sua cabeleira. Tendo, porém, ousado competir em beleza com Atená, esta eriçou-lhe a cabeça de serpentes e transformou-a em Górgona. Há uma variante: a deusa da inteligência puniu a Medusa, porque Posídon, tendo-a raptado, violou-a dentro de um templo da própria Atená. (BRANDÃO, 1986, p. 239)

Mais precisamente, a górgona deveria agir com sabedoria e racionalidade, logo, não se deixando levar pelas necessidades do corpo, o que acabaria levando os homens a agirem com seus extintos naturais, o que consumou de vez o seu destino

trágico.

Na análise a seguir, veremos uma passagem (Passagem 5 - 270 – 286) que está presente em Teogonia, em que Hesíodo apresenta a criação das Górgonas e a origem de sua linhagem:

#### **Passagem 5 - 270 – 286**

<sup>7</sup>De Forcis, Ceto gerou as Velhas de belas faces,  
grisalhas de nascença, apelidam-nas Velhas  
Deuses imortais e homens caminhantes da terra:  
Penfredo de véu perfeito e Ênio de véu açafião.  
Gerou Górgonas que habitam além do ínclito Oceano  
os confins da noite (onde as Hespérides cantoras).  
Estenó, Euríale e Medusa que sofreu o funesto,  
era mortal, as outras imortais e sem velhice  
ambas, mas com ela deitou-se o Crina-preta  
no macio prado entre flores de primavera.  
Dela, quando Perseu lhe decapitou o pescoço,  
Surgiram o grande Aurigládio<sup>8</sup> e o cavalo Pégaso;  
tem este nome porque ao pé das águas do Oceano  
nasceu, o outro com o gládio de ouro nas mãos,  
voando ele abandonou a terra mãe de rebanhos  
e foi aos imortais e habita o palácio de Zeus,  
portador de trovão e relâmpago de Zeus sábio.

Nos versos acima ressaltados, temos uma passagem que foi retirada de Teogonia, poema de Hesíodo no qual ele narra a genealogia dos deuses, e em de suas passagens encontramos a história da criação das górgonas e irmãs de medusa. Se observamos nos versos, encontramos o nome das três: Estenó, Euríale e Medusa, quando destaca que das três apenas uma era mortal, e acrescenta que “sofreu o funesto”, Hesíodo narra que já previa a sua morte.

Sua origem é apresentada nesses versos como filha de Forcis e Ceto, também como mãe de Pégaso. Esse teria nascido após deitar-se com “Crina-preta no macio prado entre flores de primavera.” esse que seria Poseidon. Medusa tem sua condição

apresentada como mortal e por fim decapitada por Perseu.

Em Hesíodo podemos ver como a figura de górgona é retratada, tirada de canto e tem a sua condição esquecida, nesse contexto podemos ver que mesmo após ter sofrido a violação para exaltar a heroicidade de Perseu, é apenas mais um monstro que foi destruído já que a partir da sua linhagem, Medusa e suas outras irmãs eram filhas dos monstros Forcis e Ceto. A origem de Medusa se dá mais pela relação de linhagem do que pelos fatos que encaminharam ela para aquela condição de confronto com Perseu, como uma espécie de silenciamento da real significação mitológica.

### **3.3 A vida e obra do poeta latino Ovídio**

Públio Ovídio Naso (Ovídio), nasceu em 20 de março de 43 a.c. em Sulmo na Itália. Dedicado aos seus versos, o poeta latino influenciava a poesia com sua harmonia que neles continha, o que passava em sua poesia. Ainda jovem, foi destinado à Roma pelos seus pais para estudar retórica, Ovídio estudou temas éticos, dos quais eram sua marca, o que conseqüentemente brilhou em suas poesias, segundo pesquisadores, Ovídio sentia-se atraído pelas musas.

Durante sua juventude Ovídio escreveu algumas obras, entre as suas principais estão *Amores*, *Ars amatória*, *Fastis* e dentro delas, inclui o seu grande destaque *Metamorfoses*, um longo poema escrito em 15 livros.

A obra *Metamorfoses* foi escrita no ano 8 d.C. na era cristã, integrando mitos gregos e romanos. Um poema narrativo conduzido em versos de seis sílabas em hexâmetro dactílico. Suas histórias são contadas em ordem cronológica e traz passagens de descrições de lendas da mitologia, em cada passagem acontecem metamorfoses, que o poeta descreve.

O poeta Ovídio em sua famosa obra 'Metamorfose' narra que foi através da violação de Poseidon, no templo de Atena, que se deu a criação da Medusa. Em uma das passagens contadas em suas metamorfoses, descreve a passagem de Medusa e conta também a aventura do herói e semideus e filho de Zeus, Perseu, narrando assim sendo o seu percurso até apossar-se da cabeça da górgona.

Presente no Livro IV, mais precisamente entre os versos 772 e 804, o poeta narra pontos destacantes do que foi a caçada de Perseu até o seu encontro com Medusa. Em sua versão Medusa teria sido sacerdotista do templo de Atena, lugar esse

onde a mesma a servia e que o fato de que teria sido abusada e perdido a sua castidade no interior do templo, seria esse o motivo de sua severa e dolorosa punição. No verso 790, um dos nobres que estava presente perguntam então a Perseu o porquê de entre três irmãs apenas uma teria tal aparência e serpentes agrupadas no lugar de seus cabelos.

Comentaremos agora então, um trecho retirado de *Metamorfoses*, no qual o Poeta Ovídio narra e está presente no livro IV, sobre a história de Medusa. Mas antes disso, se faz necessário um respaldo de como chegamos a esse contexto. Após matar a única mortal das três irmãs e capturar a sua cabeça, Perseu em seu caminho de volta, na região da Etiópia, encontra-se com Andrômeda uma figura feminina que após sofrer um castigo por causa de sua mãe. Perseu se apaixona por Andrômeda que vive nas rochas do mar e foi entregue ao monstro marinho como punição.

Após ouvir o relato, Perseu percebe que o monstro se aproxima, logo surgem na encosta da praia os pais de Andrômeda, aflitos e aos prantos observam a filha. Ao ver a situação, Perseu oferece ajuda com a condição de ter a princesa como esposa, os pais consentem sem hesitar, após o trato, o semideus saca sua espada mágica e derrota a fera. (LIMA, 2020, p. 20)

Em sequência, Perseu encontra-se em um grande banquete que é oferecido para comemorar o feito e celebrar os novos noivos. No verso destacado, Perseu é ovacionado como um bravíssimo herói após ter conseguido conquistar o seu maior feito que é arrancar a cabeça de Medusa. Ao centro das atenções, o semideus conta como foi sua jornada em busca da górgona e relata detalhadamente como foi a sua aventura, todos em volta comemoram o seu feito:

Concluído o banquete, felizes, alegam os corações com o generoso presente de Baco e o descendente de Linceu quis saber do país e do gênero de vida locais, dos hábitos e do caráter de seus habitantes. Depois de o informar, Cefeu acrescenta: 'Conta-nos, peço-te, valoroso Perseu, com que coragem, por meio de que artimanhas te apossaste dessa cabeça com cabeleira de serpentes.' Conta o descendente de Agenor que, junto ao gelado Atlas, havia um lugar protegido por uma massa rochosa, em cuja entrada habitavam as gêmeas Fórcides, que partilhavam o uso de um olho só; que ele apanhara furtivamente, com habilidosa manha, colocando sua mão por debaixo, quando o olho era passado, e, por ermas e inóspitas regiões e por rochosos outeiros de eriçadas florestas atingira a morada das Górgonas; que, por todo lado, por caminhos e campos, vira estátuas de homens e animais mudados do que foram em pedra ao olharem a Medusa. (Ovídio, livro IV,

Metamorfoses, versos 765-785, p 267)

Retornando ao ponto principal dessa análise, a cabeça com cabelos de serpentes de Medusa logo provoca grandes inquietações e curiosidade do porquê ele a carregava contigo morta.

Mas um dos nobres, como narra Ovídio e destacado nos primeiros versos dessa passagem, o toma por curiosidade e lhe pergunta porque apenas aquela, das três irmãs, tinha serpentes na cabeça no lugar de cabelos:

**(Ovídio, Metamorfoses, IV, 790 a 804)**

Mas antes do esperado, calou-se. Um dos próceres <sup>790</sup>

perguntou por que só uma destas irmãs

tinha serpentes aos cabelos entrançadas.

O hóspede diz: “Já que perguntas algo digno

de relato, direi o motivo. Belíssima,

ela foi a esperança e a causa de ciúmes<sup>795</sup>

de muitos; e mais belo que os cabelos nada

tinha. Conheci um que disse tê-la visto.

No templo de Minerva, o deus do mar violou-a,

dizem. Volveu, cobrindo o rosto casto, a filha

de Jove com o escudo. E como punição,<sup>800</sup>

gorgôneas tranças converteu em torpes hidras.

E ainda agora, para infundir o terror

nos rivais, leva ao peito as cobras que criou.

Ao analisarmos os versos, percebe-se que a partir do verso 795 “quando dito ela foi a esperança e a causa de ciúmes de muitos; e mais belo que os cabelos nada tinha. Conheci um que disse tê-la visto. No templo de Minerva, o deus do mar violou-a, dizem.” Ovídio descreve que Medusa teria então sido violada por Poseidon, o deus do mar, no interior do templo de Atena, e que teria sido então esse o início de sua terrível metamorfose. Nos versos subsequentes, observa também que como foi após a violência sofrida pelo deus dos mares, diante de sua violação dentro de seu templo a deusa então resolve castigar Medusa: “E como punição, 800 gorgôneas tranças converteu em torpes hidras. E ainda agora, para infundir o terror nos rivais, leva ao

peito as cobras que criou.”

Após analisarmos os versos, podemos ver claramente que mesmo após ter sido vítima de tamanha e assustadora violência física e sexual, Medusa é condenada a viver em uma eterna solidão em consequência de sua terrível aparência sobre a figura de monstruosidade que a carrega.

Dessa forma, percebe-se uma sociedade formada a partir de uma estrutura machista, aonde alguns grupos as mulheres cidadãos eram privadas de participar de movimentos públicos e políticos, voltadas apenas para o papel doméstico de cidadãos do lar. Rosenfield (2014) dizia que a sociedade ateniense do século V silenciava as mulheres mesmo estas estando em lugares públicos. Influenciava de tal forma e chega no mito, aonde temos Medusa ao qual foi vítima nessa aterrorizante passagem, mas que apesar da própria ter sido desonrada, ter sido vítima do abuso físico tenha recebido dolorosa e tamanha punição e tornando-se uma figura de monstro escanteada apesar de todos esses aspectos, enquanto Perseu torna-se o herói.

### **3.4 A Figura De Górgona é Maltratada na História.**

O mito da górgona nos textos clássicos e literários é conhecido pela sua origem trágica, em grandes clássicos, principalmente, os respectivos que foram citados. Medusa era representada como um “troféu”, sua cabeça decapitada servia de escudo nas guerras, como também no clássico ‘*A Ilíada*’, um dos principais poemas épicos de Homero, que a mesma tinha sua cabeça estampada no escudo de Agamêmnon. Era mais precisamente associada a algo do tipo, pois em vida a górgona podia transformar em pedra quem fixamente a olhava nos olhos, tendo assim seu corpo tomado por uma completa forma de pedra.

Vernant relacionou acerca da medida em que Medusa confrontava os homens e os coloca em luta com a morte, uma vez em que aos que atravessam o olhar da górgona. Falando de sua representação nos textos, que tinha sua imagem no mito associada ao terror, a sua monstruosidade.

Quando Vernant, em sua obra “*A morte nos olhos*”, discorre sobre a máscara de Gorgó uma vez não estar simbolizada apenas nos vasos arcaicos mas sim nas diversas formas, com ênfase na sua face, na qual como sempre era representada:

Figura igualmente, já na época arcaica, no frontão dos templos, em

acrotérios e antefixas. Pode ser encontrado ainda em escudos, epissemos, decorando utensílios domésticos, ornamentos os ateliês dos artesãos, fixado em seus fornos, erguidos em residências privadas, inscrito finalmente em moedas. (VERNANT, 1991, s.p.)

Como exposto, sua face sempre era exposta, a figura de Medusa podia ser vista e interpretada como aquela que pudesse afastar o mal, assim como era usada no escudo de Agamêmnon e na égide de Atena, tal como o semideus Perseu em escultura está sempre com a cabeça decapitada de Medusa exposta.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Consideramos assim, que ao analisarmos todo o contexto histórico social no qual a mulher grega está inserida, o espaço que ocupa no Período Clássico, toda a sua construção em torno de um viés machista, em episódios que destacamos nesse trabalho, procuramos estabelecer os processos e as questões sobre os desdobramentos da mulher, figura essa que é voltada à submissão do sexo masculino, em virtude de como esse papel de certa forma se interliga com os mitos e de como são contados e narrados nos clássicos da literatura na mitologia grega através de seus grandes poetas. Por esse caminho, consideramos então destacar alguns pontos, em especial uma abordagem crítica em torno do Mito da górgona/medusa, que popularmente é conhecida pelo seu enfrentamento com o herói Perseu e assim caracterizada e adjetivada como um monstro.

Lembrando que o objetivo dessa pesquisa foi de avaliar Medusa, a sua figura feminina na literatura através de textos clássicos e literários e abranger também como o feminismo está ligado ao mito, recuperemos então numa versão crítica como o mito da górgona está relacionado com a condição da mulher naquele tempo a fim de levantar e criar uma reflexão na releitura do mito nos dias de hoje acerca do que foi explanado.

Medusa, através de sua linhagem carrega uma monstruosidade que lhe foi atribuída, mesmo tendo sido violentada pelo deus do mar recebeu a punição, e a partir desse pressuposto podemos dessa forma perceber que as condições em que a mulher era retratada na cultura grega agregou na imagem e no castigo de Medusa e cooperando para sua marginalização, ainda mais quando o homem (Perseu) se deu por herói em sua história com Medusa.

## REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega**. vol. I. Petrópolis: Vozes, 1986;

DEMÓSTENES. **Contra-Neera**. Madrid: Gredos, 1983;

HESÍODO. **Teogonia**: Trabalhos e dias – 2. Ed. – São Paulo: Martin Claret, 2014;

LESSA, Fábio de Souza. **Mulheres de Atenas**: Mélissa do Gineceu à Agorá / Rio de Janeiro : UFRJ, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Laboratório de História Antiga, 2001;

LIMA, Grazielle Gonçalves. **Interpretação Psicanalítica e Criação literária**: “A Cabeça da Medusa” de Freud. São carlos – SP, 2020;

MATA, Giselle Moreira da. **Entre risos e lágrimas**: uma análise das personagens femininas atenienses na obra de Aristófanes (séculos VI a IV a.C.) / Giselle Moreira da Mata. – 2009. 213 p.;

OLIVEIRA, Theofilo Moreira Barreto de. **O ouroboros da Medusa ou o devir como tragédia**. In: CORNELLI, G.; COUTINHO, L. Estudos Clássicos: Percursos. Disponível em < [https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/46070/1/O\\_ouroboros\\_da\\_Medusa.pdf](https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/46070/1/O_ouroboros_da_Medusa.pdf) > Acesso: 17 ago. 2021;

OVÍDIO, Publius Ovidius Naso. **Metamorfoses**. São Paulo: Editora 34, 2017. 912 p.;

PETERS, Eduarda Tavares; CERQUEIRA, Fábio Vergara. MULHERES EM ATENAS, NO SÉCULO IV: O TESTEMUNHO DO CONTRA NEERA, DE DEMÓSTENES. **NEARCO**: revista eletrônica de antiguidade. – Vol.1, Ano VI, n.2 (2013) – Rio de Janeiro: UERJ/NEA, 2013;

ROSENFELD, Kathrin H. Representações da Inteligência Feminina. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v.17, n.1, p. 187-214, jan./abril 2014;

ROBLES, Martha. **Mulheres, mitos e deusas**: o feminino através dos tempos. São Paulo: Aleph, 2006;

SILVA, Talita Nunes. **As estratégias de ação das mulheres transgressoras em Atenas no V século a.C.** Dissertação (Mestrado) Universidade Federal Fluminense, 2011. 187p.;

VERNANT, Jean-Pierre. **A Morte nos Olhos**. Figuração do Outro na Grécia Antiga: Ártemis e Gorgó. Trad. Clóvis Marques. RJ: Jorge Zahar Editor, 2º ed., 1991;

VRISSIMTZIS, N. A. **Amor, sexo e casamento na Grécia Antiga**. São Paulo: Odysseus, 2002.